

# A anta de Santiago Maior (Alandroal): a recuperação de um monumento destruído

LEONOR ROCHA\*

## R E S U M O

A anta de Santiago Maior (Alandroal) foi escavada em 2005, na sequência da informação do proprietário da herdade de que este monumento, ao contrário do que se pensava, não se encontrava totalmente destruído. A intervenção realizada permitiu identificar diferentes fases de violação e destruição do monumento, mas também recuperar alguma informação sobre um monumento muito interessante no contexto do megalitismo regional.

## R E S U M É

Le dolmen de Santiago Maior (Alandroal) a été fouillé en 2005, après l'information fournie par le propriétaire sur son état de conservation. Effectivement, le monument n'était pas détruit, comme il y avait été jugé. La fouille a permis d'obtenir des informations très importantes sur les différentes phases de violation/destruction, mais aussi sur la construction et la structure du monument.

## 1. História do monumento

A anta de Santiago Maior é conhecida na bibliografia desde 1959, através da publicação do casal Leisner (Leisner & Leisner, 1959, p. 167, Tafel 75). Nesta altura, o monumento é descrito como possuindo cinco dos sete esteios da câmara *in situ*, e o corredor apresentava um comprimento, visível, de cerca de 5 m.

A análise da fotografia publicada pelos Leisner, em 1959, permite verificar que, nessa altura, os cinco esteios da câmara e um do corredor ainda se encontravam intactos e que existiam pedras amontoadas por trás da câmara, do lado sul, junto ao sobreiro, que parecem esteios e/ou tampas (Fig. 1).



Fig. 1 Fotografia antiga do monumento (Leisner & Leisner, 1959, Tafel 75).

Em relação à estrutura tumular, tínhamos conhecimento, através das referências dos Leisner (Leisner & Leisner, 1959), de anteriores visitas ao local (Calado, 1993) e das informações que fomos recolhendo durante a intervenção, que esta se encontrava profundamente danificada. O casal Leisner refere que a mamoa possui 27 m de diâmetro e entre 1,5 a 2 m de altura (Leisner & Leisner, 1959, p. 167).

Actualmente, a mamoa encontra-se completamente rodeada e parcialmente cortada por um caminho, tendo ainda, a sul, o monte (recentemente construído), a oeste, um poste da EDP e, a NW, outras estruturas de apoio à habitação.

O casal Leisner complementa esta descrição com a referência aos materiais arqueológicos provenientes deste monumento, depositados no Museu Nacional de Arqueologia, mencionando que estes foram levados por Leite de Vasconcelos, em resultado de escavações suas ou de aquisições (Leisner & Leisner, 1959, p. 167).

A informação fornecida pelo casal alemão é muito sucinta e ambígua, não sendo claro se, também eles, teriam procedido a uma intervenção neste monumento, realçando apenas que havia sido violado.

Posteriormente, aquando da elaboração da Carta Arqueológica do Alandroal, em 1993, Manuel Calado considera o monumento totalmente destruído: “o monumento, escavado e fotografado pelos Leisner, foi posteriormente violado até à destruição total por um pesquisador de tesouros. Hoje, resta uma cratera com cerca de 3 m de altura e 10 m de diâmetro” (Calado, 1993, p. 119). Nesta data permanecia visível, apenas, um esteio deslocado.

Quando, nos inícios de 2004, o Eng. Carlos Neves (proprietário da herdade) inicia a construção de uma moradia nas proximidades do local onde se localiza o monumento, apercebeu-se da existência de algumas pedras que lhe pareciam ser restos do mesmo. Perante esta hipótese, solicitou à signatária que se deslocasse ao local, a fim de proceder à sua avaliação.

De facto, os trabalhos de construção civil, para além de terem nivelado a mamoa, ao retirarem terras para a construção, puseram a descoberto cinco esteios, na área do corredor, e o topo dos esteios da câmara. Assim sendo, e com o intuito de se tentar recuperar o máximo de informação possível deste monumento, que se considerava destruído, procedeu-se à sua escavação<sup>1</sup>, em 2005, no âmbito do Projecto de Investigação em curso “Estudo do Megalitismo Funerário Alentejano – EMFA (PNTA 2002/2005)”.

## 2. Localização

A anta de Santiago Maior localiza-se na Herdade do Monte da Anta, próximo da localidade de Santiago Maior. Na Carta Militar de Portugal (esc. 1: 25 000, folha 462 (Santiago Maior), apresenta as coordenadas U.T.M. 29632.2.5 E e 4269.7.0 N, e uma altimetria de 300 m.

Administrativamente, o Monte da Anta situa-se na freguesia de Santiago Maior, concelho de Alandroal, distrito de Évora. O acesso faz-se a partir da estrada Hortinhas/Orvalhos/Santiago Maior. O monumento encontra-se localizado no lado direito desta estrada.

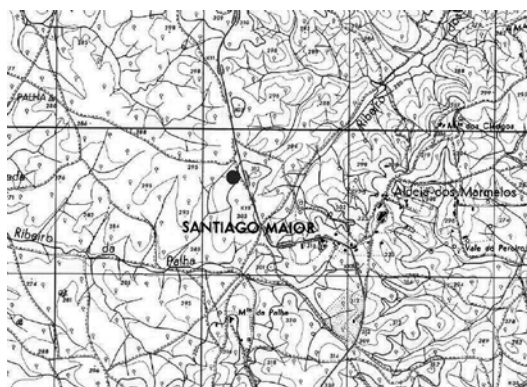


Fig. 2 Localização da anta de Santiago Maior (CMP-462).

### 3. A intervenção

#### 3.1. Objectivos

A escavação arqueológica realizada tinha por finalidade avaliar o estado de conservação do monumento, procurando recuperar o máximo de informação possível. Assim, atendendo aos objectivos definidos e ao estado de conservação do monumento, definiu-se a seguinte estratégia de intervenção:

1. Proceder à escavação do interior do monumento;
2. Sondar a estrutura da mamoa, com a abertura de uma vala, do lado norte, partindo da área de localização do último esteiros do corredor (ECd5) que se encontrava em falta;
3. Sondar a estrutura tumular, do lado sul, através da decapagem superficial da mesma (esta área encontrava-se fortemente limitada pela construção da moradia).

#### 3.2. Metodologia

Os trabalhos arqueológicos de escavação e registo seguiram os pressupostos metodológicos propostos por Barker (1989) e Harris (1991), procedendo-se à remoção dos depósitos por níveis naturais, pela ordem inversa à da sua deposição.

O registo das Unidades Estratigráficas (U. E.) foi feito sequencialmente, independentemente da sua natureza ou localização, procurando-se essencialmente, sistematizar as relações entre as diferentes camadas, bem como a sua própria descrição. Foram ainda realizados planos das unidades estratigráficas, tanto de depósitos como de estruturas.

Foi realizado o levantamento topográfico<sup>2</sup> da área do monumento, que, infelizmente, não foi ligado à rede geodésica nacional, uma vez que os vértices geodésicos se encontram completamente encobertos pela paisagem ou por estruturas habitacionais.

No prosseguimento dos objectivos e da metodologia delineada, e considerando os condicionalismos encontrados no terreno (revolvido e com entulhos), implantou-se uma quadrícula que abrangia a área da câmara e do corredor e uma sondagem na área da mamoa.

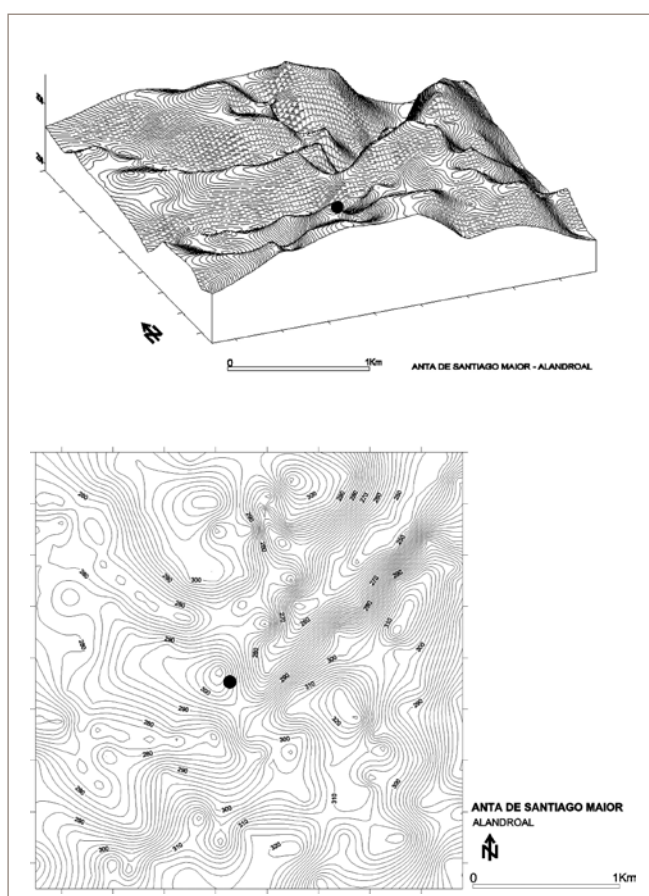


Fig. 3 Modelação 3D e planimetria da área, com localização do monumento. Realizado por L. Rocha e J. Oliveira.



### 3.3. A escavação

Após a limpeza dos entulhos, depositados na sequência dos trabalhos construção civil, na área da câmara e do corredor do monumento, continuava a ser visível a existência de terras muito soltas, misturadas com fragmentos de granito e de troncos de árvore.

A escavação destas duas áreas (câmara e corredor) veio a revelar uma sequência de unidades estratigráficas de entulhos recentes, onde se misturavam, até à base do monumento, níveis com folhas e ervas secas, fragmentos de ramos por decompor, plásticos, latas e ainda a presença de paralelepípedos de granito (usados na construção de calçadas). Nesta sequência apareciam, por vezes, alguns materiais pré-históricos (os de menores dimensões foram recolhidos no crivo).

Apesar de toda a estratigrafia referente à utilização do espaço sepulcral se encontrar perdida pelas sucessivas violações que este monumento sofreu, foi possível perceber algumas das alterações produzidas e das técnicas construtivas.

A escavação da anta de Santiago Maior revelou a existência uma câmara sepulcral composta por cinco esteios *in situ* (originalmente seriam sete), de grandes dimensões (o esteio que se encontrava caído possui cerca de 4 m de altura) e um corredor muito longo, com cinco esteios de cada lado, seguido de átrio (Fig. 27).

## 4. A arquitectura: uma aproximação à estrutura tumular

Em 2004, todos os esteios da câmara que se encontravam *in situ* apresentavam-se fracturados, alguns com sinais evidentes de terem sido partidos por acção de explosivos, provavelmente para aproveitar o granito para pedra de calçada, uma vez que este monumento se encontra numa área de xistos e não havia quaisquer vestígios de outros monólitos de granito, nas imediações.

A escavação da câmara revelou a existência de um esteio inteiro (ECa1) tombado no lado sul, numa área que se apresentava completamente revolvida, com mistura de níveis de terras da mamoa, com níveis geológicos e outros idênticos aos identificados no interior do monumento. Este esteio encontrava-se caído por trás do último esteio do corredor (ECe5) e de um esteio da câmara (ECa3). Foi identificado de forma casual, quando se procedia à limpeza do corte.



Fig. 4 Aspecto do monumento após a limpeza superficial.



Fig. 5 Pormenor do crivo.

<i>Unidade estratigráfica</i>	<i>Descrição</i>
[1]	Camada de terras avermelhadas, revolvidas, na câmara e corredor. Contém cerâmicas manuais e de roda (vidradas), fragmento de lâmina de sílex, vidros, plásticos, fragmentos de betão e cubos (calçada) de granito
[2]	Bolsa de material muito negro, com aspecto sintético, que se encontra junto ao 1.º esteio Norte da câmara e início da mamoa
[3]	Camada de terras compacta, avermelhada. Apresenta “lentes” de terra amarelada, também muito compacta (geológico). Encontra-se no lado Norte da câmara, sobre o esteio tombado
[4]	Camada de terras amareladas, compactas e plásticas, que se encontram na extremidade Sudoeste, cobrindo parte do esteio
[5]	Estrutura (?). Conjunto de pedras que, pela sua disposição, parecem corresponder a restos de uma estrutura
[6]	Camada de terras avermelhadas, compactas, com pedras de pequeno calibre. Sob a [4]
[7]	Alvéolo (?). Conjunto de pedras que parecem corresponder a restos do alvéolo do esteio tombado. Encontram-se parcialmente, sobre este, provavelmente devido à sua queda. Encostam à [11]
[8]	Camada de terras acinzentadas, com pedras de pequeno calibre, junto aos últimos esteios do corredor. Sob a [1]. Foi cortada por uma vala
[9]	Camada de terras de uma tonalidade vermelho-amarelada, praticamente sem pedras que se encontra sob a [8]. Recolheu-se um fragmento de <i>tegulae</i> . Foi cortada também pela [12]
[10]	Camada de terra cinzenta escura, sem pedras, que se encontra sob a [9]. Foi cortada também pela [12]
[11]	Alvéolo. Conjunto de pedras que correspondem aos calços do esteio ECe5
[12]	Vala aberta no fundo do corredor
[13]	Carapaça de pedras. Mamoa Norte
[14]	Carapaça de pedras de quartzo que cobre a [13]. Mamoa Norte
[15]	Anel de lajes de xisto que delimita a mamoa, formando como que um passadiço. Encosta à [14]. Mamoa Norte
[16]	Camada de terra solta, muito semelhante à [1], de cor castanha avermelhada, com pedras de pequeno calibre. Mamoa NE
[17]	Camada fina, de ervas e folhas secas. Sob a [16]. Mamoa NE
[18]	Camada de terra solta e remexida, de cor castanha avermelhada, com pedras de pequeno calibre. Parcialmente sob a [17]. Mamoa NE
[19]	Camada de terra vermelha, compacta, com algumas pedras, sobretudo na base. Sob a [18]. Mamoa NE
[20]	Camada de terra castanha-clara, com pedras pequenas (cascalho). Sob a [19]. Mamoa NE
[21]	Camada de terra solta, de cor castanha-vermelhada, muito semelhante à [1], mas com pedras de maior calibre. Mamoa NE
[22]	Camada de terra castanha avermelhada com algumas pedras e de contornos mal definidos. Sob a [21]
[23]	Camada de terras avermelhadas, compactas, de limites imprecisos. Parece embalar a [13] e estar sob a [15]
[24]	Camada geológica. Amarelada e muito compacta
[25]	Alvéolo. Conjunto de pedras que correspondem aos calços do esteio ECa3
[26]	Alvéolo. Conjunto de pedras que correspondem aos calços do esteio ECa4

Fig. 6 Lista das UEs identificadas.

<i>Esteio</i>	<i>Altura (m)</i>	<i>Largura (m)</i>	<i>Espessura (m)</i>	<i>Estado</i>
<i>ECe1</i>	1,04	1,50	0,40	Inteiro
<i>ECe2</i>	1,30	1,50	0,35	Inteiro
<i>ECe3</i>	1,20	1,55	0,50	Inteiro
<i>ECe4</i>	1,00	1,25	0,30	Inteiro
<i>ECe5</i>	0,90	1,50	0,81	Fracturado
<i>ECa1</i>	4,00	1,40	0,90	Inteiro
<i>ECa2</i>	–	–	–	Desaparecido
<i>ECa2</i>	1,90	2,00	1,00	Fracturado
<i>ECa4</i>	1,80	1,60	0,85	Fracturado
<i>ECa5</i>	–	–	–	Desaparecido
<i>ECa6</i>	1,50	1,90	0,50	Fracturado
<i>ECa7</i>	1,70	2,40	0,60	Fracturado
<i>ECd1</i>	1,15	1,30	0,50	Inteiro
<i>ECd2</i>	1,10	1,50	0,60	Inteiro
<i>ECd3</i>	1,45	1,70	0,40	Inteiro
<i>ECd4</i>	1,80	2,00	0,60	Inteiro
<i>ECd5</i>	–	–	–	Desaparecido
<i>EAe1</i>	0,50	0,80	0,20	Inteiro
<i>EAd1</i>	0,45	0,75	0,25	Inteiro
<i>EAd2</i>	0,80	1,20	0,30	Inteiro
<i>EAd3</i>	–	–	–	

Fig. 7 Medidas finais do monumento.

A análise da estratigrafia e o facto de ser o único esteio da câmara que não se encontrava intencionalmente fracturado levam-nos a concluir que a sua queda se deu num momento antigo, correspondendo provavelmente à violação dos finais do século XIX, uma vez que este não aparece na fotografia tirada pelo casal alemão.

A escavação do corredor, apesar de não ter fornecido níveis arqueológicos preservados, permitiu recuperar alguns dados interessantes sobre a sua arquitectura. De facto, o início do corredor aparece segmentado por duas lajes de xisto, colocadas de forma a estrangularem a passagem (Fig. 9).

A entrada do monumento parecia ser feita através de um átrio, que se abria, aparentemente, em semicírculo. Esta estrutura encontrava-se relativamente bem preservada do lado direito, com três esteios (dois de granito e um de xisto); do lado esquerdo restava apenas um pequeno esteio de xisto.

No que diz respeito à estrutura da mamoa, a sondagem mecânica realizada no lado norte, não permitiu obter dados sobre a sua técnica construtiva. O corte (Fig. 10) é elucidativo sobre as várias violações ocorridas no local.





Fig. 8 Esteio ECa1 na altura da sua identificação, inserido nas terras revolvidas da mamoa.



Fig. 9 Pormenor dos esteios de xisto do início do corredor.

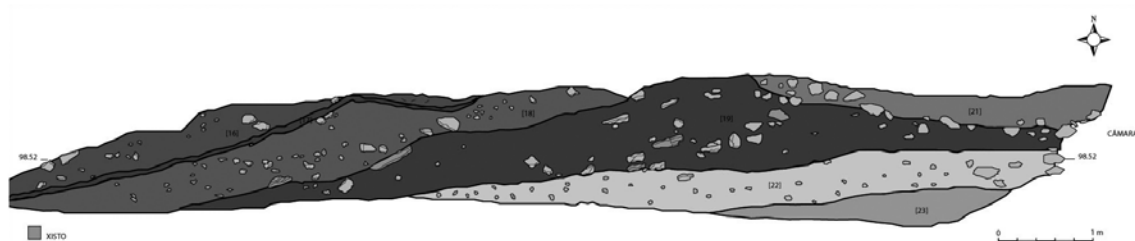


Fig. 10 Corte NE – SW realizado do lado norte da mamoa.

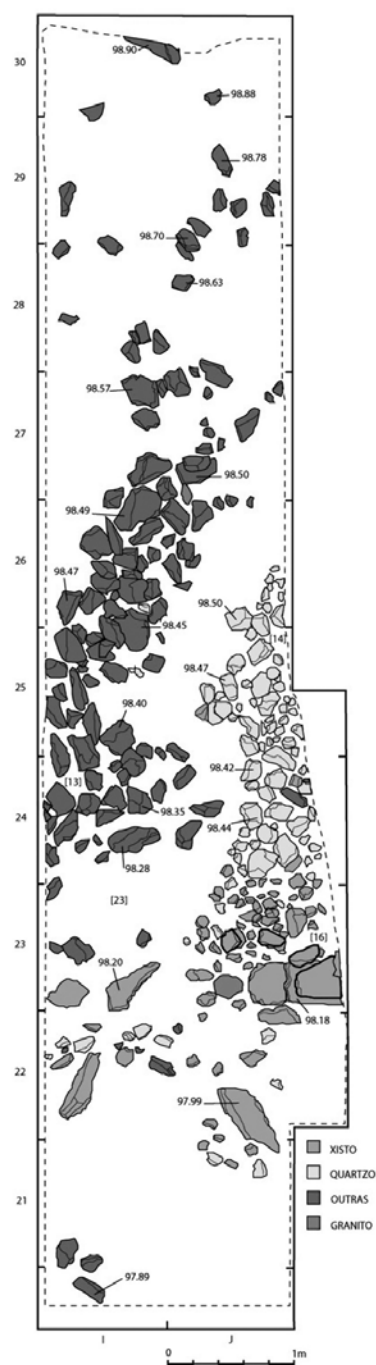
Contudo, a decapagem da superfície do lado sul, apesar de fortemente condicionada pelo caminho de acesso e pela própria moradia, sugere-nos uma mamoa bastante destacada na paisagem.

Esta hipótese é aferida pela presença de numerosas lajes de xisto, maioritariamente dispostas na horizontal e interligadas, no limite exterior da mamoa. Estas sugerem a existência de um anel final, em que estas lajes estariam eventualmente visíveis. Este “pavimento” aflora em mais dois locais da mamoa, em áreas onde esta se encontra, aparentemente, mais bem conservada (SE e NNE).

Este anel exterior encostava a uma camada de quartzo leitoso que, aparentemente, cobriria toda a mamoa.



Figs. 11-12 Mamoa do lado sul. Foto e desenho.





## 5. O espólio: um contributo para a sua cronologia

Como se referiu anteriormente, o casal Leisner menciona a existência de materiais arqueológicos provenientes deste monumento, depositados no Museu Nacional de Arqueologia, num total de oito peças (n.ºs 7759 a 7766). Entre estas, encontram-se contas de colar cilíndricas e placas de xisto inteiras (2) e fragmentadas (com decoração em dente de lobo; bandas paralelas verticais e horizontais), uma delas muito semelhante, segundo estes investigadores, a uma placa recolhida nos Galvões (Leisner & Leisner, 1959, p. 167, Tafel 34), e um instrumento de pedra polida.

Os materiais recolhidos no decurso da intervenção agora realizada são muito escassos e encontram-se muito fragmentados, à excepção de uma placa de xisto inteira encontrada no interior da câmara, quase na base, que milagrosamente escapou às violações.

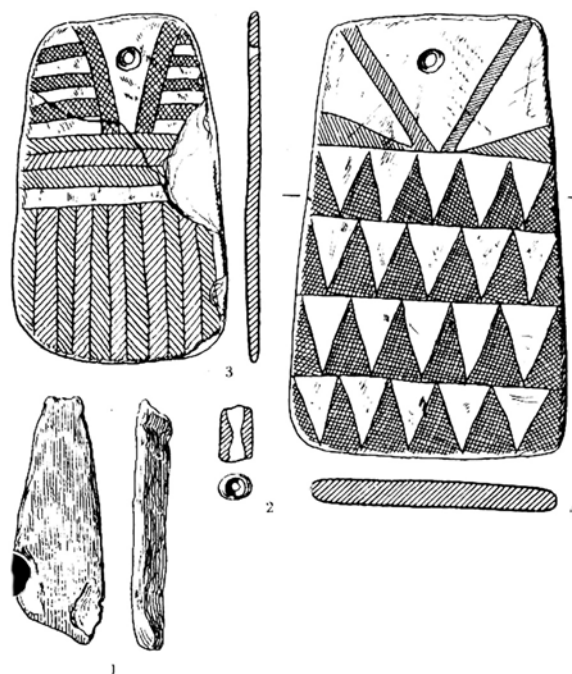
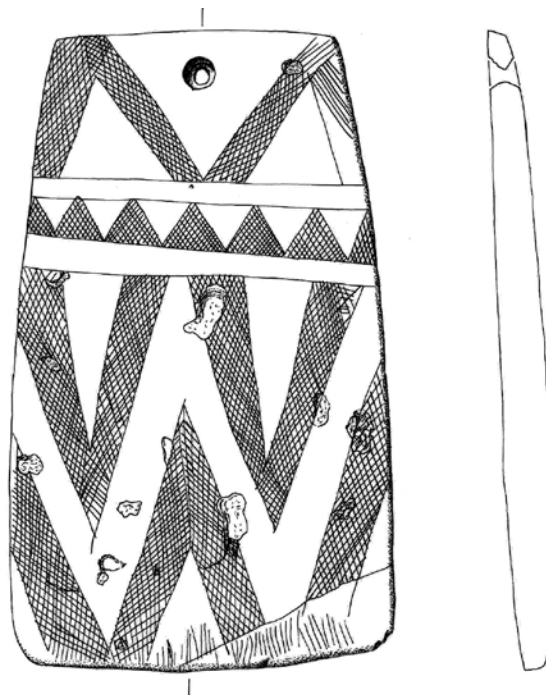


Fig. 13 Materiais arqueológicos depositados no MNA (Leisner & Leisner, 1959, Tafel 34).



Figs. 14-15 Foto e desenho da placa de xisto recolhida.



Atendendo à dimensão deste monumento, o espólio recolhido deverá corresponder a uma percentagem residual da totalidade do espólio originalmente depositado.

As cerâmicas são escassas, muito fragmentadas, de tipologias e cronologias muito variadas:

- Cerâmica pré-histórica: foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica de fabrico manual incaracterísticos mas, também, um fragmento almagrado e um fragmento de um copo (fundo plano);
- Cerâmica romana: fragmentos de *tegulae*;
- Cerâmica moderna: fragmentos de asas e fragmentos de cerâmica vidrada.



Fig. 16 Fragmento de cerâmica almagrada.



Fig. 17 Fragmento de copo.



Fig. 18 Fragmentos de asas.

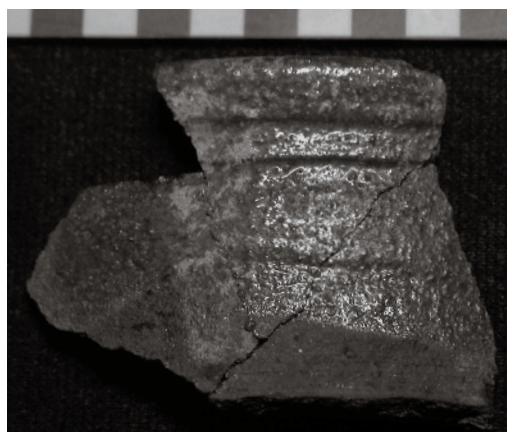


Fig. 19 Fragmento de cerâmica vidrada.

No conjunto dos materiais líticos recolhidos, os instrumentos de pedra lascada são, percentualmente, superiores aos instrumentos de pedra polida. Recolheu-se um fragmento de pedra polida (machado), com restos de ocre, e 12 instrumentos de pedra lascada (sete fragmentos de lâmina, um geométrico, três lamelas, uma ponta de seta), para além de algumas lascas de quartzo e quartzito.



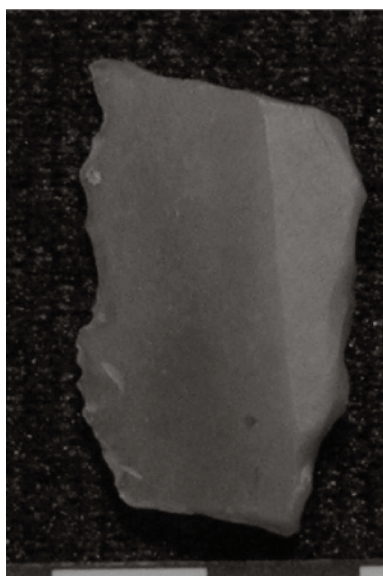


Fig. 20 Geométrico de sílex.



Fig. 21 Fragmento mesial de lâmina de sílex.



Fig. 22 Fragmento proximal de lamela de sílex.



Fig. 23 Machado com vestígios de ocre.



Fig. 24 Conta de colar de xisto.

Na categoria do Adorno/Sagrado, recolheram-se seis fragmentos de placas de xisto, uma placa inteira (Fig. 14) e duas contas de colar, também de xisto.

## 6. Os resultados possíveis

A anta de Santiago Maior tem a particularidade de ser a única anta de granito do actual concelho do Alandroal. A escavação deste monumento permitiu verificar que, para além dessa característica, ela insere-se no conjunto dos monumentos megalíticos funerários de maiores dimensões do Alentejo Central.



<i>Concelho</i>	<i>Monumento</i>	<i>Câmara (m)</i>	<i>Corredor (m)</i>
REDONDO	<b>Herdade Casas Novas 1</b>	<b>4,60 x 4</b>	<b>4,60</b>
	Nossa Senhora da Piedade	2,60 x 3,20	1,60
ÉVORA	Herdade do Silval 1	3,20 x 3	4
	Herdade do Silval 3	3,50	–
	Herdade de Alcanede 1	3,30	2,90
	Herdade da Amendoeira	3,10	–
	<b>Paço das Vinhas 1</b>	<b>3,10 x 4,40</b>	<b>9,30</b>
	Almo da Cegonha 1	2,50 x 3,30	5,10
	Herdade do Pau	3,40 x 2,80	–
	Outeiro das Vinhas	3,20 x 3,80	–
	Quinta do Lobo	2,70 x 3,50	–
	Vale do Melhorado	3,40 x 4	1,60
	<b>Herdade do Conde</b>	<b>4,50</b>	–
	Herdade da Loba 1	3,20	4,20
	Herdade do Castelo	3,30 x 3	3,20
	<b>Freixo de Cima 1</b>	<b>4,60 x 4</b>	<b>11,50</b>
	Freixo de Cima 2	3,40	5
	Herdade da Tisnada	2,30 x 3,20	2
	Herdade do Zambujalinho 1	3,40 x 2,40	–
	Herdade Barrocal 5	3,20 x 2,10	–
	Herdade da Mitra 2	2,80 x 3,20	–
	<b>Vale Rodrigo 2</b>	<b>4,20 x 3,20</b>	–
ELVAS	Coutada de Barbacena	3,20	3,80
	<b>Qtª da Sardinha</b>	<b>5 x 4,60</b>	<b>7</b>
	Vale de Mouro	2,40 x 3,20	6
	Herdade S. Rafael 1	2,60 x 4	1,70
	Herdade de S. Rafael 2	3 x 3,40	6,50
	Herdade do Pombal 1	4 x 3,60	6
	Herdade do Pombal 4	2,80 x 3,60	–
MORA	<b>Capela de S. Dionísio</b>	<b>4,50</b>	–
	Lapeira 1	2,50 x 3,40	–
	Lapeira 2	2,70 x 3,60	–
	Entreáguas 1	3 x 3,60	7
	Casa Branca 1	2 x 1,50	6
	Casa Branca 3	3,20	4,50
	Adua 1	3 x 3,20	1,20
	Figueiras 1	3 x 3,20	2
MONTEMOR-O-NOVO	<b>Paço 1</b>	<b>4,20</b>	<b>8</b>
	<b>Comenda da Igreja 1</b>	<b>4,80 x 4,50</b>	<b>10,50</b>
	Velada da Moita	3,20 x 2,40	–

<i>Concelho</i>	<i>Monumento</i>	<i>Câmara (m)</i>	<i>Corredor (m)</i>
ARRAIOLOS	Barrocal do Degebe	3,70 x 4	4,20
	Herdade da Chainha	2,10 x 3,40	–
	<b>Herdade da Cabeça</b>	<b>5,70</b>	<b>3,30</b>
	Herdade do Sobral	3,40	5,60
	<b>Herdade da Anta</b>	<b>3,10 x 4,40</b>	<b>3,60</b>
	Herdade da França	3 x 2,60	5,80
	<b>Vila de Arraiolos</b>	<b>4,80</b>	–
	Defesa do Gato 1	3,60	–
	Defesa do Gato 2	2,60 x 3,40	5
	Herdade do Espírito Santo 1	2,80 x 3,40	3
	<b>Herdade do Espírito Santo 2</b>	<b>4,80 x 4,40</b>	–
	Claros Montes 1	3,40 x 2,50	–
	<b>Claros Montes 5</b>	<b>4,30</b>	<b>4</b>
	Herdade da Caeira 3	3,60 x 3,50	2,80
	Herdade da Caeira 7	3 x 3,70	3
	Murteira de Cima 1	4	5,70
	Monte da Guerreira	3,40 x 3,80	4,70
	Lagar do Zambujo	3,10 x 4	–
	Herdade das Coelhas	3,20	2,80
	Herdade da Chaminé	3,30 x 3,20	2,60
	Herdade do Zambujeiro 1	3,40	4
	<b>Herdade do Zambujeiro 2</b>	<b>4,30 x 3</b>	–
<b>ESTREMOZ</b>	Herdade de Entre-Águas	2,80 x 3,20	4,40
<b>ALANDROAL</b>	<b>Santiago Maior</b>	<b>4,50 x 4</b>	<b>11,50</b>
<b>REGUENGOS DE MONSARAZ</b>	Horta da Farrapa 1	3,50 x 3	–
	Herdade da Quinta 2	–	6
	Herdade da Comenda 1	3,50 x 3,80	–
	Herdade do Outeiro 2	3 x 3,60	–
	<b>Olival da Pega 1</b>	<b>4 x 5,60</b>	<b>8,60</b>
	Olival da Pega 2	3,40 x 4	16
	Barrocal 10	3,30 x 2,40	5,60
	Vale Carneiro 3	–	6

Fig. 25 Tabela com as dimensões de alguns momentos megalíticos funerários do Alentejo Central.

A análise da figura anterior permite, de facto, perceber que, apesar de existirem centenas de monumentos nesta área, a anta de Santiago Maior encontra-se entre as 16 maiores (os monumentos foram seleccionados tendo em conta que um dos diâmetros da câmara deveria ser superior a 4 m).

Se se conjugar o diâmetro da câmara com o comprimento do corredor, este número ainda se reduz mais, estando a anta de Santiago Maior com medidas muito semelhantes à anta da Comenda da Igreja 1 (Montemor-o-Novo) e a anta do Freixo de Cima (Évora). Naturalmente que os dados

agora recolhidos se encontram truncados, uma vez que temos monumentos com câmaras de diâmetro superior a 4 m, com corredores cujos comprimentos desconhecemos.

Em 1994, Manuel Calado referia que o megalitismo deste concelho se podia agrupar em três grupos, em função da sua morfologia e da matéria-prima: os monumentos de granito do qual se conhecia apenas a anta de Santiago Maior “de que apenas subsiste o local e o registo” (Calado, 1994, p. 155), as grandes antas de xisto e as pequenas sepulturas de xisto (Calado, 1994, p. 155).

Os resultados obtidos nesta intervenção foram muito condicionados pelas sucessivas fases de violação do monumento. Os materiais arqueológicos recolhidos são escassos, mas conseguiu-se recuperar a arquitectura do monumento.

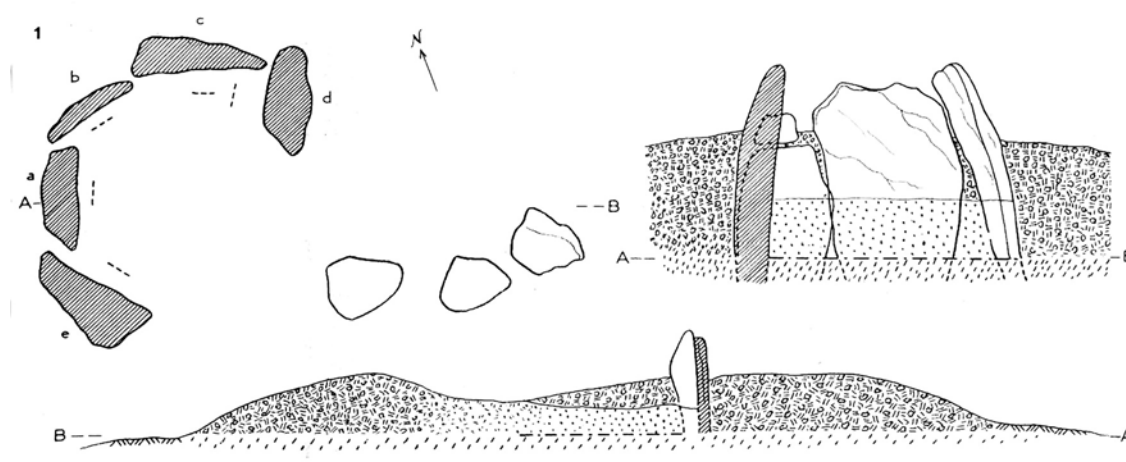


Fig. 26 Planta do monumento (segundo Leisner & Leisner, 1959).

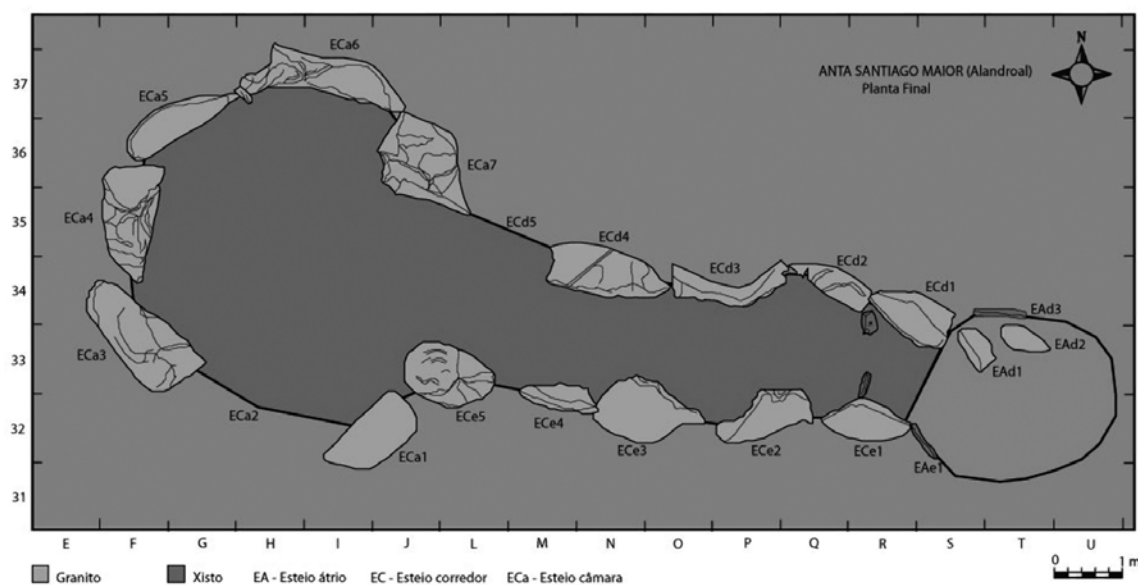


Fig. 27 Planta actual.



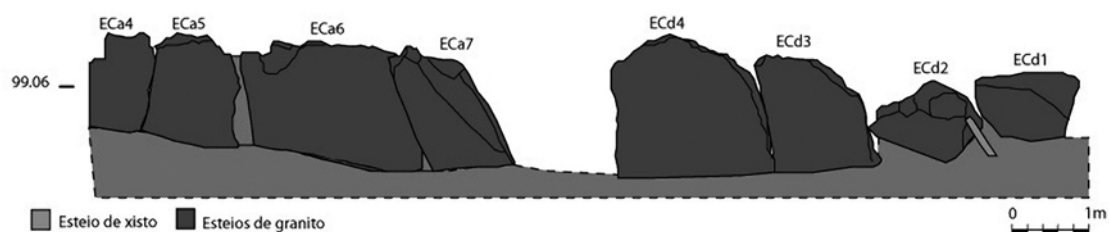


Fig. 28 Alçado norte.

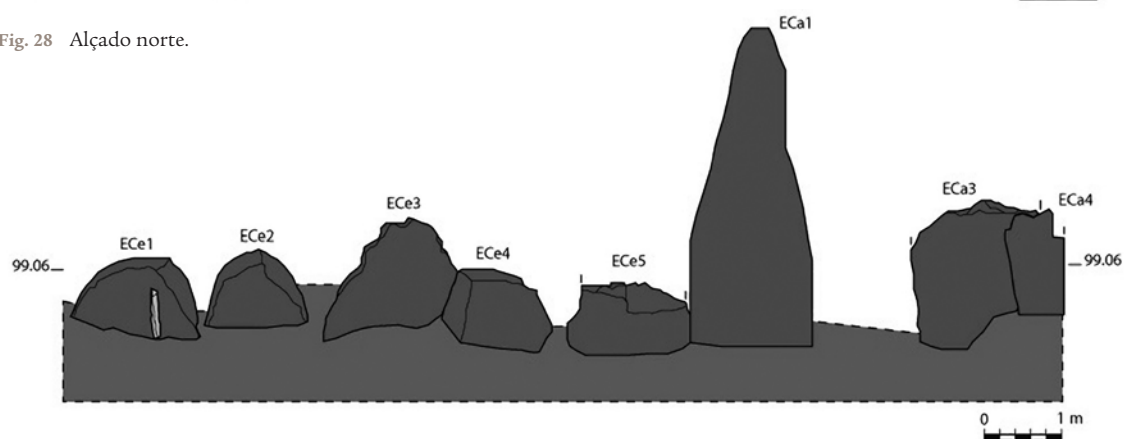


Fig. 29 Alçado sul.

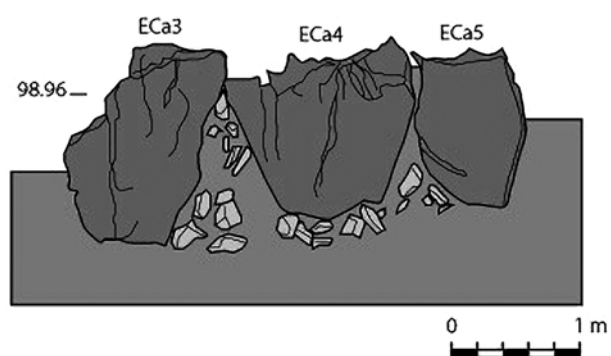


Fig. 30 Alçado oeste.

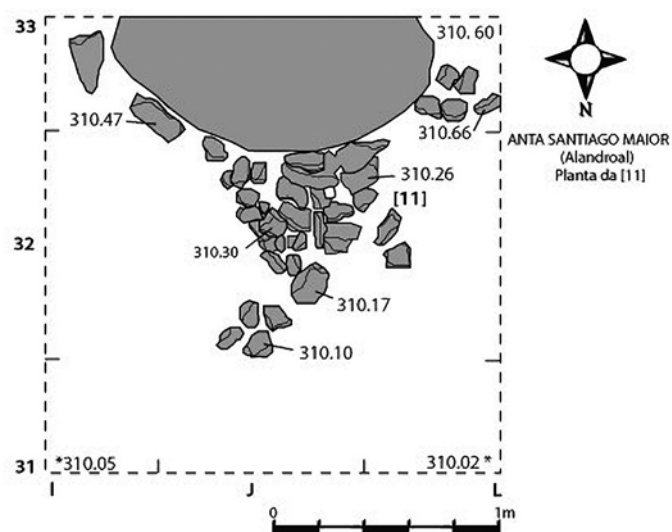


Fig. 31 Pormenor dos calços do esteio ECe5 - [11].



Fig. 32 Aspecto do restauro realizado.

No final dos trabalhos, a área intervencionada foi coberta com seixos rolados, de forma a facilitar a drenagem das águas. Procedeu-se à recolocação esteio da câmara (ECa1) que se encontrava caído e construiu-se um pequeno murete, de pedra seca, no lugar do esteio ECa2, de modo a impedir a queda de terras da mamoa para o interior.

Considerando a análise do registo arqueológico e as informações orais recolhidas junto das populações idosas residentes nas imediações, foi possível estabelecer, pelo menos, quatro fases de violação para este monumento:

1. A primeira fase é sugerida pela existência de *tegulae* à entrada do corredor. Esta poderá representar uma fase de utilização/violação do monumento durante este período. Tendo em conta a presença de uma *villa* romana, com necrópole, nas imediações, poderíamos ter, à semelhança do que já se identificou em outros monumentos megalíticos alentejanos, a presença de enterramentos romanos à entrada do corredor. No entanto, as violações posteriores destruíram este registo;
2. A segunda fase de violação poderá ter ocorrido na altura em que Leite de Vasconcelos (finais do século XIX/inícios do século XX) esteve no Alandroal a “escavar” o Santuário de Endovélico, podendo, eventualmente, a mesma ter sido realizada com o seu conhecimento. Compreende-se, assim, a presença dos materiais existentes no MNA;

3. Nos finais dos anos 20 do século XX, segundo informação oral de um senhor idoso (com 84 anos), este recordava-se de, quando miúdo, ter estado no local a ver um velhote, residente num monte próximo, a abrir vários buracos, pois tinha sonhado que existia um tesouro no local. Esta violação terá sido demorada uma vez que por vezes sonhava que o tesouro estava noutro local e então procedia à abertura de um novo buraco. As evidências de violação do monumento, referidas pelo casal Leisner (Leisner & Leisner, 1959, p. 167), devem reportar-se aos buracos abertos neste período que deverão ter ficado por tapar e que se são evidentes na planta desenhada por eles (Fig. 26). Também a queda do esteio da câmara deverá ter ocorrido nesta altura. De facto, só a abertura de um buraco, de grande dimensão, poderia provocar a queda e deslocamento de um esteio com aquelas medidas;
4. Nos inícios deste século, dá-se uma nova violação do monumento, muito provavelmente realizada pelos trabalhadores que procediam à construção da moradia, uma vez que se encontraram, na base da câmara e do corredor, troncos e folhas por decompor e também alguns paralelepípedos de granito, iguais aos que se foram posteriormente utilizados na construção da calçada que rodeia a habitação. Apesar dos nossos esforços, nenhum dos trabalhadores envolvidos confirmou esta situação e, os proprietários, residentes em Lisboa, alegaram desconhecer totalmente esta violação.

Para além destes episódios, que acarretaram sucessivas acções de destruição sobre o monumento, este apresenta indícios de ter sofrido remodelações, ainda durante a Pré-História. Os dois esteios de xisto, no início do corredor, que estreitavam a passagem, poderão não pertencer à primeira fase de construção do monumento.

A ser verdade, também o anel exterior, construído em xisto, poderia ter sido acrescentado nessa altura, uma vez que todo o monumento é construído em granito, aparecendo o xisto apenas na área da mamoa e com estes esteios. A análise superficial, da área, não evidencia, aparentemente, a existência de nenhum *tholos*, como na anta do Olival da Pega 2 (Reguengos de Monsaraz), onde o acréscimo de dois esteios de xisto, à entrada do corredor, corresponde a uma reestruturação do monumento para a construção do monumento secundário (*tholos*) (Gonçalves, 1992).

De facto, apesar de existirem indícios noutros monumentos, nomeadamente na área de Reguengos de Monsaraz (Falcoeira 1, Farisoa 1, Gorginos 1 e 4 e Poço da Gateira 1), sobre a existência de um anel de pedras que deveria funcionar como *kerb* (Gonçalves, 1992), a situação que se verifica na anta de Santiago Maior é diferente, uma vez que parece tratar-se antes de um anel tipo “calçada”, mais semelhante ao que foi identificado em Alcalar 7 (Portimão). Também a última camada de pedras que cobria a mamoa, quartzo branco, se assemelha muito a Alcalar 7, sendo que, neste caso, eram blocos de calcário (Morán & Parreira, 2004).

O megalitismo funerário do concelho do Alandroal, apesar de ser escasso, comparativamente com os concelhos limítrofes, continua a apresentar algumas surpresas. Depois dos dados obtidos com a escavação da anta do Lucas 6 (Rocha, 2007), monumento que se situa a menos de 5 km de distância e que se insere num conjunto de pequenas sepulturas, todas em xisto, a anta de Santiago Maior traz-nos novos contributos para o estudo da evolução das arquitecturas megalíticas do Alentejo Central.

Infelizmente, mais uma vez, as sucessivas violações não nos possibilitaram obter contextos arqueológicos preservados, nem materiais susceptíveis de serem datados. No entanto, a dimensão deste monumento aponta-nos para uma data de construção mais tardia, do III milénio a.C.

Os escassos artefactos recolhidos parecem indiciar a presença de dois conjuntos distintos. O primeiro conjunto, mais antigo, encontra-se representado pela cerâmica almagrada e pelo geo-



métrico. O segundo, pelas placas de xisto, lâminas largas e pelo copo de cerâmica. Se o segundo se enquadra perfeitamente dentro do que seria expectável para um monumento com estas características, o primeiro encontra-se, manifestamente, desfasado, remetendo para contextos anteriores, de meados do IV milénio, ou mesmo do V.

Parece-nos assim, que poderemos estar perante uma situação de transladação de espólios de monumentos mais antigos, hipótese já defendida anteriormente (Rocha, 2005), mas que, novamente, se encontra indiciada pela presença artefactual, sem possibilidade de obtermos datações radiométricas que o comprovem.

## NOTAS

\* Investigadora da UNIARQ (FLL).  
Docente da Universidade de Évora.  
lrocha@uevora.pt.

<sup>2</sup> O levantamento topográfico foi realizado por Pedro Alvim, com o apoio da signatária.

<sup>1</sup> Participaram nestes trabalhos: Rosário Fernandes, Conceição Roque, Manuel Pisco, Luís Rapa, Carlos Ribeiro, Paulo Lobinho, Otto Kabitzsch, Rui Graça, Manuel Calado e Pedro Alvim.

## BIBLIOGRAFIA

- CALADO, Manuel (1993) - *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CORREIA, Vergílio (1921) - *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1999) - *Reguengos de Monsaraz: territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (2001) - A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, pp. 115-206.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (2003) - *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) - *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel*. II: 2: *der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1985) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed.).
- MATALOTO, Rui; ROCHA, Leonor (2008) - O monumento do Caladinho (Redondo): estudo preliminar. *Vipasca*. Aljustrel [Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (CD)]. II série. 2.
- MORÁN, Elena; PARREIRA, Rui (2004) - *Alcalar 7. Estudo e reabilitação de um monumento megalítico*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.
- OLIVEIRA, Jorge (1998) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Lisboa: Colibri.
- OLIVEIRA, Jorge; SARANTOPOULOS, Panagiotis (1994) - Alguns monumentos megalíticos afectados pela expansão urbana da cidade de Évora. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 187-194.
- OLIVEIRA, Catarina; ROCHA, Leonor; SILVA, Cândido Marciano da (2007) - O megalitismo funerário no Alentejo Central: arquitectura e orientações: o estado da questão em Montemor-o-Novo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 35-74.
- OLIVEIRA, Jorge; SARANTOPOULOS, Panagiotis; BALESTROS, Carmen (1997) - *Antas-capelas e capelas junto a antas no território português*. Lisboa: Colibri.
- ROCHA, Leonor (1999a) - *Povoamento megalítico de Pavia: contributo para o conhecimento da Pré-História regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, Leonor (1999b) - Aspectos do megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 71-94.
- ROCHA, Leonor (2005) - *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa: Universidade < <http://www.crookscape.org/textmar2009/text19.html> >.
- ROCHA, Leonor (2007) - O monumento megalítico do Lucas 6 (Hortinhas, Alandroal): um contributo para o estudo das arquitecturas megalíticas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 73-94.
- ROCHA, Leonor; CALADO, Manuel (2006) - *Megalitismo de Mora: nas fronteiras do Alentejo Central*. Lisboa: Apenas Livros, Lda.